

CRUZ, Marina Trindade. **Poética da travessia: uma perspectiva de encontro na prática do contato improvisação.** Belém-Pa. PPGArtes- ICA- UFPa. Mestranda. Bolsista CAPES. Intérprete-criadora, professora e produtora cultural. Orientadora: Ana Flávia Mendes Sapucahy.

Resumo: Travessia é estado de caminho no fluxo contínuo que o contato improvisação traz para o corpo, seguimos deixando e levando, o presente, que é esquecimento e lembrança preenchidos de agora. Nessa tessitura desenho um percurso de travessia, me desloco em diferentes espaços-tempos de práticas do contato improvisação, entre o lugar de praticante e facilitadora, rumo ao encontro que desvela sensibilidades do corpo por meio do tato a experimentar o fluxo do movimento contínuo de travessias. Nos últimos dois anos participei do *Retoque #1-encontro de contato e improvisação de Goiânia - GO (jul/2017)*, *Festival Transformando Pela Prática Gamboa - SC (fev/2018)*, *Df - Improvisa Dança (jul/2018)*, todas essas vivências me fizeram refletir sobre o caráter de residência e colaboração dos fazedores de contato improvisação (CI), aspectos que são retroalimentados pelos princípios da própria dança. A prática coletiva e colaborativa são princípios que norteiam as criações e produção cultural no espaço Casarão do Boneco, onde desde 2013, sou habitante-colaboradora por meio do grupo Projeto Vertigem (2012-2018), e facilitadora de práticas em CI. Recentemente, partilho essas reflexões no Laboratório de Práticas Híbridas do Corpo na Fundação Cultural do Pará, junto com outros artistas-pesquisadores facilitamos experiências no trânsito entre linguagens artísticas, improviso e prática sobre si. Nesse caminho, a ideia de *travessia* foi disparada por textos, imagens, vídeo, fotografias e registros de viagem, vestígios provocados por experiências em laboratório, convivência em residência, *jams sessions* e prática na natureza. A dança em contato sensibiliza a habitar um espaço “entre”, o encontro, que principia de fatores próprios da investigação do movimento, como a gravidade, peso, condução, queda, rolamentos, força centrífuga e outros. Contudo, essa narrativa dá pistas acerca de um caminho para essa *travessia* a partir de uma experiência pessoal partilhada em práticas coletivas. Uma escrita de criação poético-reflexiva que compõe a pesquisa de mestrado, em andamento, no Ppgartes-Ufpa, na linha de pesquisa *Poéticas e Processos de atuação em Artes*.

Palavras-chave: contato improvisação; poética; colaboração; encontro.

Abstract: Crossing is the state of path in the continuous flow that the contact improvisation brings to the body, we continue leaving and carrying, the present, which is forgetfulness and remembrance filled from now. In this tessitura I draw a course of crossing, I move in different spaces-times of practices of the contact improvisation, between the place of practitioner and facilitator, towards the encounter that unveils sensibilities of the body by means of tact to experience the flow of the continuous movement of crossings. In the last two years I have participated in the Retouch # 1- contact and improvisation meeting in Goiânia - GO (jul / 2017), Festival Transformando Para la Practica Gamboa - SC (fev / 2018), Df - Improvise Dance experiences have made me reflect on the character of residence and collaboration of the makers of contact improvisation (CI), aspects that are fed by the principles of the dance itself. The collective and collaborative practice are principles that guide the creations and cultural production in the space Casarão do Boneco, where since 2013, I have been an inhabitant-collaborator through the Vertigo Project group

(2012-2018), and facilitator of CI practices. Recently, I share these reflections in the Laboratory of Hybrid Practices of the Body in the Cultural Foundation of Pará, along with other artists-researchers facilitate experiences in the transit between artistic languages, improvisation and practice about themselves. In this way, the idea of crossing was triggered by texts, images, video, photographs and travel records, traces provoked by laboratory experiments, living in residence, jams sessions and practice in nature. The dance in contact sensitizes to inhabit a space "between", the encounter, that begins of factors own of the investigation of the movement, like gravity, weight, conduction, fall, bearings, centrifugal force and others. However, this narrative gives clues about a way for this crossing from a personal experience shared in collective practices. A writing of poetic-reflexive creation that composes the master's research, in progress, in the Ppgartes-Ufpa, in the line of research Poetics and Processes of performance in Arts.

Keywords: contact improvisation; poetic collaboration; meeting.

Essa narrativa de experiências em práticas de contato improvisação no período de um ano da pesquisa do mestrado se tornou um exercício memorial que me leva a campos de interesse na pesquisa em artes. Uma travessia arriscada dada a multiplicidade de possibilidades que pulsam na experiência vivida, no entanto me ancoro nesse risco para encontrar a potência que habita nessa prática de dança e pesquisa.

Tomo esse ponto de partida da escrita memorial, pois no programa de pós-graduação em artes da Universidade Federal do Pará, isso se torna eixo para o desenvolvimento da pesquisa, de maneira que o artista-pesquisador encontre os afetos pulsantes de sua experiência criadora para o desenvolvimento de saberes em arte. Contudo, essa tessitura de palavras surge de encontros que geram fissuras no espaço e no tempo, feridas abertas que pulsam a possibilidade de repensar o corpo e seus modos de com-viver, co-habitar, co-existir e com-por coletivamente na potência de processos de experimentação fundados em troca de saberes e contato improvisação.

O ponto de partida é justamente a potência desse corpo que se presentifica no ato da dança, presença que desperta através da sensibilidade em cada um de nós, nossos sentidos e a oportunidade de se deixar ouvir, alargar a escuta do tempo e do espaço a partir de uma ampliação sensorial com a dança. Aspectos que estão relacionados com a possibilidade de vivermos uma experiência, a partir da ideia de que somos movidos por paixões, o que nos desloca são os desejos, e que assim se

dá porque nos acontece, nos toca, nos transforma, somos um território de passagem, estamos em travessia e nesse contexto a experiência “é a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente “ex-iste” de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente.” (BONDÍA. p.20).

Travessia é então uma imagem que dispara questões em diferentes territórios da experiência nessa pesquisa: no que diz respeito a um provocador poético para perceber o corpo que dança o contato, o improvisado em contato como espaço de passagem da experiência; em relação a forma como a prática do contato improvisação se sustenta enquanto movimento artístico, em um trânsito constante de “contateiros” com diferentes pesquisas em festivais, workshops, residências, cursos e jam sessions, principalmente a partir de um ponto de vista pessoal de participação nesses eventos. E é também como percorro essa pesquisa entre diferentes lugares em que o contato improvisação está alimentando e fortalecendo vínculos com fazedores e espaços.

Para falar de encontro nessa perspectiva de travessia no contato improvisação foco em aspectos relacionados à compartilhamento de criações, pesquisa e modos de atuação na produção em artes. É importante dizer que o contato improvisação é uma prática de dança que se ancora em constantes reformulações de perguntas sobre seu desenvolvimento. Como aponta a professora Ana Alonso¹:

Nesses encontros, há troca de experiências, questionamentos e conhecimentos sobre o ensino do Contato Improvisação, em que cada professor fala de sua experiência e ouve a dos colegas, levantam-se questões sobre metodologias de ensino, preparação, treinamento, conduta e competência dos professores, currículo ou algo parecido. Podem-se chamar esses encontros de “conferências pedagógicas” de Contato Improvisação, de que participam tanto professores iniciantes e experientes quanto os que não lecionam ou nunca lecionarão. (KRISCHER, 2012. p.31)

1

Intérprete-criadora, pesquisadora de dança. Desde 2009 trabalha com Contato Improvisação nos projetos: Transformando pela Prática: Festival Internacional de CI na Natureza; Entrando em Contato: difusão, intercâmbio e promoção do CI em Florianópolis e região sul do Brasil e Improvisação em Contato: poéticas do corpo (UFSC). Mestre em Educação UFSC; com pesquisa sobre Contato Improvisação (2010 -2012). Professora da área de Dança no Departamento de Arte da UNICENTRO (2012- 2015). Doutoranda com pesquisa em CI e performance (PPGT – Udesc, 2015 – 2019).

O contato improvisação é uma prática de dança com princípios no relacional, surgiu nos anos 70 nos Estados Unidos, a partir da pesquisa do bailarino Steve Paxton. Em princípio o interesse se dava em torno de como a prática da dança a partir da interação entre corpos e reações físicas poderia gerar participações mais igualitárias e questionamento de hierarquias sociais impregnadas na própria dança (LEITE, p. 91, 2005). Assim, convidando outros bailarinos, realizando performances públicas e inúmeros encontros, o contato improvisação começou a acontecer.

O CI foi difundido principalmente pelos seus fazedores no momento das práticas, não existe uma escola específica, a investigação, questionamentos, divulgação de facilitadores, os novos espaços, encontros são divulgados desde abril de 1975 na revista *Contact Quaterly* que iniciou como um boletim do grupo *ReUnion*. Nesse periódico existem diversos relatos e reflexões que surgem de encontros e aulas de CI. No decorrer dos anos premissas como estudo da gravidade, peso, condução, queda, rolamentos, força centrífuga e outros foram se estabelecendo como campo de investigação para essa dança.

Aponto para uma multiplicidades de conhecimentos que atravessam a pesquisa do CI em seus estudos iniciais, como práticas de meditação, artes marciais e terapias. Arrisco em dizer que nessa busca por uma dança mais generosa com o corpo e com anseios por romper padrões, os praticantes optaram por abrir os horizontes teóricos e práticos, para os estudos do movimento, consciência corporal assim como a física e filosofia passaram a fazer parte dos bastidores de retiros, festivais e processos de criação de atos performativos que aconteceram naquele período.

O contato improvisação é potente no sentido de estimular sensorialmente o estado de presença, o que potencializa a experiência do encontro. Principalmente porque, em diálogo constante com práticas somáticas, se busca o autoconhecimento pelo movimento e em relação com o outro inseridos em um espaço comum. Em geral, por meio dessas práticas se refina a percepção do corpo dentro de processo relacional interno sinérgico entre consciência, o biológico e o meio ambiente. (KRISCHER, 2012. p.92)

Nessa perspectiva somática, alguns interesses surgem ao longo da prática e outras interseções como a autogestão, sustentabilidade, cuidado, terapias holísticas e alimentação saudável, em diferentes proporções, de acordo com cada proposta. Escolhas que se relaciona tanto com o lugar do encontro, quanto com as práticas dos fazedores que colaboram com cada evento. Nesse trânsito entre estudos e práticas me recorre a imagem de travessia na aproximação com a perspectiva de encontro, o que alimenta um olhar poético nessa pesquisa Mestrado Acadêmico do Programa de Pós-graduação em Artes da Ufpa.

Em travessia de encontros de contato improvisação

Para dar princípio a essa narrativa parto do Casarão do Boneco, espaço em que inicio o fomento da prática de contato improvisação em 2015, em Belém do Pará, é um espaço cultural que funciona desde 2004 com atividades abertas ao público, em 2015 deu princípio a um movimento ampliado de ocupação por diferentes grupos de teatro, dança, circo e produção cultural. Hoje, com uma política de ação colaborativa e autogestão, somos mais ou menos 7 grupos que ensaiam, ministram oficinas, apresentam e realizam laboratórios.

Já no desenvolvimento de práticas de contato improvisação nesse espaço e colaborando com a realização de eventos e manutenção do Casarão do Boneco, surgiu a oportunidade de participar da residência na Casa Corpo em Goiânia/GO. Uma casa de esquina, no fim de um beco e que logo em frente está uma avenida, com escritório, cozinha sala multiuso com um tablado de madeira incrível, banheiro, uma laje aberta a intervenções, e na parte inferior o galpão do grupo *Vida Seca*, que reside junto com o grupo *Porquê?*.

O *RETOQUE #1 encontro de contato improvisação*, aconteceu no período de 07 a 16 de Julho de 2017, realizado pela produtora *Mais Um Baú de Ideias*, se inspirou em outras práticas de laboratório e convivência de contato improvisação. Foram 2 turmas de imersão, estudos focalizados pelos artistas-professores Ana Alonso (SC/BRA), Catalina Chouchy (URU), Camilo Vacalebri (ITA-ARG) e Gustavo Lecce (ARG). 11 dos mais de 50 participantes dessa imersão foram bolsistas e

propuseram ações de desdobramento a partir do que foi vivenciado nas aulas em suas experiências e espaços de atuação específicos, essa segunda etapa de amplificação e multiplicação foi chamada de #broTada.

Esse encontro no cerrado, meio do Brasil, desde sua concepção pretendia trazer para esse centro praticantes de diferentes contextos culturais e em diferentes espaços. Colocar em contato para além dos corpos e suas emergências, diferentes histórias de aprendizagem da dança e da arte, cenários políticos e de investimento em cultura, desejos de pesquisa e desenvolvimento do contato improvisação. Foram dias de nutrição na convivência em residência, a casa, o lugar do encontro.

As ações do Retoque propuseram diferentes sentidos nas abordagens para a prática do contato improvisação, me inspiro em dizer isso a partir da fala de Hugo Leonardo (BA), que também esteve como professor colaborador nessa residência, quando em seu livro fala sobre a dança:

é assumida como um exercício constante sobre a perturbação dos sentidos, sem deixar de estarmos atentos à ambivalência do termo sentidos, referindo-se tanto a interfaces do corpo humano com seu ambiente como a dimensão semântica. Ou seja, os sentidos que “trazem” as coisas do mundo até nós e os sentidos que fazemos dessas coisas (e a partir delas, e a despeito delas...) (SILVA, 2010, p.15)

Nesse jogo entre dar sentidos e perturbar os sentidos a prática do contato improvisação se desdobrar em diferentes experiências, na residência Retoque para além das práticas de investigação em sala de aula, tivemos um momento de experimentação em espaços abertos em que ampliamos a potência do estado de dança em coletivo, assumindo um lugar de fronteira entre o corpo cotidiano na relação com o lugar e a subversão das lógicas estabelecidas para o espaço urbano. A rua é um lugar de passagem, apesar de uma arquitetura pouco movente, é um espaço que em geral as pessoas estão apenas atravessando, e mais ainda porque esse exercício fizemos uma avenida principal no centro de Goiânia.



Foto: Laysa Vasconcelos

A experiência da rua também altera as provocações sensoriais, é um lugar de informações, tudo atravessa, coisas que habitam nosso cotidiano mais que se fazem invisíveis. Nesse laboratório de desabituar existe uma atenção potente que permite um corpo menos anestesiado pelo que se tem de comum. Saímos a reparar no óbvio, dançar o óbvio, até que ele des-obvie, uma composição coletiva com/no espaço imprevisível da rua.

Experimentar esse estado de trânsito entre estados de corpo, ou mesmo entre espaços, o que permite reflexões acerca dessa fronteira que habitamos. Como desdobrar essa experiência nos diferentes lugares de nossas práticas artísticas? Uma provocação que estava na proposta de residência:

A ideia é fazer com que a técnica em Contato Improvisação seja amplificada e atinja mais pessoas no estado de Goiás e pelo Brasil. Como uma semente com asas que pode germinar ao pé da árvore, mas também ser levada pelo vento e brotar a quilômetros de distância. Por isso, nos meses de setembro e outubro de 2017 o #retoque continua, mas agora na fase de multiplicação, ou melhor, de brotada. Serão 11 ações de amplificação conduzidas pelos participantes em diversas cidades. No estado de Goiás (...), também vai para os municípios baianos de Feira de Santana e Cachoeira e em Belém do Pará. (site do evento)

Escutamos os espaços e possibilidades que reverberam a partir dos sentidos e nos contagiamos por um mover coletivo, contágio que em rede refere-se ao princípio de conexão, pois o contato, contágio mútuo ou aliança cresce para todos os lados e direções (SALLES, 2006, p. 25). E permanece em crescimento, nessa pulsão em rede, destaque na escrita a experiência enquanto amplificadora e realizadora de práticas de contato improvisação, o que se potencializa com as

reflexões durante a residência no Retoque.

Dentro do espaço de intercâmbio artístico realizamos um momento de reflexão sobre os diferentes contextos dos artistas que compunham o grupo de amplificadores, ressaltando as potencialidades de atuação com o contato improvisação e os desafios de cada público e território para seus desdobramentos. Em Belém, por ser um lugar em que não existe uma comunidade de prática de CI estabelecida, propus realizar uma oficina de iniciação na prática do contato improvisação, parceria junto a palhaça e “contateira” Iris Fiorelli². Na ocasião da experiência de amplificação do Retoque, para além da oficina, realizamos também uma travessia rumo a Ilha de Cotijuba, região metropolitana de Belém, para uma prática na natureza. Entre danças improvisadas no ambiente, surgiu:

em travessia
sigo
[des]equilíbrios l e l vãos...
inundados de luz e sombras

Experimentações dança e improvisação na natureza, Ilha de Cotijuba (Belém/PA) - Set/2017



Fotografia: Bruno Passos

Essa travessia, é um desabituar do corpo, porque é muito familiar, o barco, o

tempo das águas e inclusive a dança de contato. Mas, como estávamos imersos em dias de prática de CI em um exercício constante de trazer atenção para a consciência pelo movimento, atravessei com esse estado de presença, carregando o desejo da experiência, porosa aos deslocamentos que esse encontro proporcionou.

Belém é uma cidade rodeada de rio, o calor e a umidade, assim como a densidade das águas barrentas são coisas que habitam a paisagem da nossa dança. Então, vivenciar o contato improvisação nessa paisagem tão familiar, faz o corpo adensar essa conexão com as cores, texturas, cheiros, sons que lhe pertence. No entanto, mesmo *banhada* de rio, ainda é cidade, capital, é nítido como seu crescimento em concreto vai nos distanciando de vivenciar cotidianamente esse “estado de ilha” que somos.

A sinestesia é um importante dispositivo de sensibilização do corpo e abertura para a criação, é como criar metáfora com o corpo. Assim como a provocação desse estado “entre” na rua, isso aliado a paisagem da natureza, no caso a praia, é potente de reverberar criações em diferentes camadas. São muitos estímulos, então é uma potência de se deixar mover, mais do que desejar mover as coisas. Iris Fiorelli traz a experiência com a natureza em várias de suas práticas com o contato improvisação, é colaboradora no festival que acontece na praia em Garopaba-SC, o Transformando pela Prática- 5º Festival de Contato Improvisação e Natureza.

Saio de um território plano de floresta amazônica, para uma paisagem tomada por montanhas junto a um mar sem fim. O Transformando pela Prática é um festival que acontece desde 2009, tem como princípios a dança na natureza, a autogestão e a prática de CI. Organizado atualmente por três mulheres, Iris Fiorelli (SP), Panmela Ribeiro (MG) e Ana Alonso (SC), uma rede que pulsa e agrega outros afetos que partilham essa dança. Nesse festival cabem muitos desejos, nessa edição foram mais de 170 praticantes, além de pessoas da comunidade. Foram professores convidados dessa prática: Berenise Carballo (ARG), Gabriel Grega (ARG), Itay Yatuv (Israel), Leonardo Lambruschini (ITA). Acontece em uma associação esportiva, um salão a 10 metros da praia, de mar aberto que tem dunas

e lagos, os participantes se hospedam com pessoas da comunidade e tem uma área grande para camping. É um lugar de pesquisa do CI, mas, também de expansão da dança, pelas próprias dimensões do espaço.

Em uma dinâmica aberta a proposições, todos os dias após o almoço tínhamos longas conversas, sobre cuidado, sobre a prática, sobre acordos de convivência, em geral em “*portunho*”, pela presença em maioria de argentinos. Os participantes são convidados a vivenciar pelo menos uma vez equipes de cozinha e limpeza, assim como manter o olhar atento para o sustento da dança. Com uma atenção especial a máquina de café e água quente, nesse encontro de brasileiros e argentinos, o mate e a cafeína não poderiam faltar. Entre os participantes, muitos terapeutas, o que proporciona uma constância de atendimentos, além de artesãos com os mais diferentes produtos desde a moda sustentável, cosméticos naturais e alimentação saudável.

A multiplicidade é uma característica latente nesse encontro, é quase impossível conversar com todos, ou mesmo dançar com todos. A intensidade de práticas associada a possibilidade de frequentes banhos de mar, fazem da vivência um exercício constante da autonomia. Autonomia é ponto importante na prática de CI, assim como a autorregulação, que é a capacidade que temos de nos regular e equilibrar em relação a condições do meio.

Seguindo entre encontros, estive, em Julho/2018 no 2º Df- Improvisa Dança/ Edição Latinamérica, foi um festival que promoveu oficinas, residência e apresentações de espetáculo, com participação de Catalina Chouhy (Uruguay), Nicolás Cottet (Chile), Renzo Zavaleta (Peru), Paula Zacharias (Argentina), Ricardo Neves (BRA), Rosa Schramm (BRA), Sofia Barriga Monteverde (Equador). Existiu nesse encontro uma motivação em conectar fazedores, pesquisadores da América Latina, fortalecendo trocas sobre grupos, festivais, intercâmbios, residências, com perspectivas de fortalecer essas travessias possíveis.

Trajetos coletivos em Brasília (DF)



Foto: Humberto Araújo

Realizamos nessa vivência uma prática em trânsito, criando trajetos no plano piloto de Brasília, entre lugares de passagem e lugares de paisagens que em geral não se costuma transitar. Uma potente experiência, pois considero também a característica do território que possui uma ordenação que prioriza os que estão em meios de transporte. Nicolás Cottet (Chile) e Rosa Schramm (BRA), provocaram essa experiência que está vinculada a uma pesquisa do contato improvisação na relação com o corpo na cidade, como na descrição da oficina: “O intuito é perceber o espaço urbano como campo potente de experimentação de diferentes camadas de atenção e revelação.”

São narrativas de práticas que aconteceram nesse período de um ano da pesquisa no mestrado e que carregam na experiência do corpo o desejo de dar atenção a esse estado de trânsito, passagem, entre, impermanência, que é latente nos encontros de contato improvisação. Dentro desse trajeto, vinculada a pesquisa em artes passo a perceber como essa imagem travessia é potente, seja na relação de passagem entre lugares ou mesmo de aspectos específicos que provocam sensorialmente o corpo que dança. Com essas experiências que, dentre tantas, ressalto, aproximo a perspectiva de encontro da imagem de travessia, o que alimenta uma proposição metafórica que retorna para o trabalho.

Travessia como metáfora da prática em improvisação

Essa imagem metafórica que foi nutrida durante esses trajetos, principalmente no sentido de abordagens sobre a prática da improvisação, me levou

a propor esse tema para o Laboratório de Práticas Híbridas do Corpo, que componho junto a outros três artistas-pesquisadores: Ana Marceliano, Armando de Mendonça e Thales Branche. O laboratório a princípio nasce de uma vontade de relacionar práticas artísticas, o que possibilitou intercâmbios das experiências dos condutores, não só dos modos de atuar com suas práticas artísticas, mas de suas poéticas. Os temas de cada encontro foram gerados em momentos que precederam cada edição, no exercício de intersecções teóricas e práticas para encontrar imagens força como provocadores do corpo na pesquisa, foram os seguintes temas: O que pulsa?, Id-entidades, Canteiro e Travessia. O texto provocador criado para definir essa experiência retrata um pouco do que travessia passa a significar na construção dessa poética:

Em travessia nos interessava o trajeto a ser percorrido por meio de encontros com pessoas, sensações, paisagens, pensamentos, e etcéteras. Seja ferida, ganho não-previsto ou colisão, em travessia todo encontro serve de potencial matéria-prima para desvelar estados e possibilidades de criação em improvisação cênica. O trajeto de um corpo ao encontro de si é travessia, assim com o é um mergulho na experiência do corpo-eu que encontra um corpo-outro. À travessia aqui proposta as fronteiras se diluem gerando experiências em práticas coletivas de improvisação.

No intento de provocar a improvisação a partir do contato, essa edição do laboratório partiu da dança como princípio para dar suporte aos outros elementos da improvisação como a voz e a palavra, ou mesmo para potencializar a percepção do corpo no espaço. Experimentamos realizar uma *jam session* como finalização deste laboratório, considerando que é um espaço de prática que trabalha principalmente a questão da autonomia, instauramos a prática a partir da imagem de travessia e com indicações sobre temas trabalhados nos laboratórios, como a importância de se considerar o poder da sonoridade para a provocação de estados coletivos na improvisação. Com isso, os próprios elementos e dinâmicas que surgiam se tornavam condutores dos momentos a partir de uma escuta sensível, sejam eles mais caóticos ou com experiências relacionais cênicas mais delineados.

Poética da travessia, que aqui deixa rastros, tem haver com encontros e esses que com suas visitas vão deixando marcas no tempo, aquilo que por vezes se torna esquecimento e apenas por isso é então lembrança. É a matéria com a qual

dançamos, é o que desperta no corpo a cada improviso, o peso justo que trazemos de nossas experiências. Partilho desses trajetos pois essa pesquisa provoca principalmente o caminho, com tudo que comporta a experiência de estar em trânsito, os encontros e desencontros, os desejos e repulsas, os voos e as quedas, a luz e a sombra, o saber e o não-saber, o ter e o não ter, o real e o sonho. Sem entrar em uma lógica dual, ressalto as gradações que existem entre esses antagonicos, talvez aí sobreviva o que move o corpo em improvisação.

Referências

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre experiência e o saber de experiência**. In: Revista Brasileira de Educação, n. 19. São Paulo, p. 20 – 28, jan/fev/mar/abr, 2002. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27501903> Acesso em: 20 de abril de 2016.

KRISCHKE, Ana Maria Alonso. **Contato Improvisação [dissertação]: A experiência do conhecer o a presença do outro na dança**; orientadora, Ida Mara Freire; coorientador, Nestor Habkost - Florianópolis, SC, 2012. 182p.

SALLES, Cecília. **Redes da criação: construção da obra de arte**. São Paulo: Horizonte, 2006.

SILVA, Hugo Leonardo da. **Desabituação Compartilhada: contato improvisação, jogo de dança e vertigem**. – Valença: Selo A Editora, 2014.

Sites

Retoque #1 encontro de contato improvisação: <http://www.casacorpo.art.br/retoque>

Festival Transformando Pela Prática: <https://transformandopelapratica.wordpress.com>

Df Improvisa Dança- Latino America: <http://dfimprovisadanca.com.br>